

# A importância da inserção da temática violência contra as mulheres na graduação em enfermagem

*The importance of including the topic of violence against women in undergraduate nursing courses*

*La importancia de incluir el tema de la violencia contra la mujer en la carrera de enfermería*

Claudemir dos Santos<sup>1</sup> ; Ana Inês Sousa<sup>1</sup> ; Regina Célia Gollner Zeitoune<sup>1</sup> ; Ana Beatriz Azevedo Queiroz<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## RESUMO

**Objetivo:** discutir a inserção da temática violência contra a mulher nos cursos de bacharelado em enfermagem de universidades públicas do estado do Rio de Janeiro. **Método:** estudo documental de cunho qualitativo, sendo objeto de análise descritiva a ementa e o conteúdo programático das disciplinas de Saúde da Mulher nos cursos de bacharelado em enfermagem no Rio de Janeiro quanto à presença desse conteúdo na formação em enfermagem. **Resultados:** no que se refere às ementas das disciplinas obrigatórias, ficou evidente que não há de forma explícita o conteúdo que trata da violência contra as mulheres nas seis universidades participantes do estudo. Já nos conteúdos programáticos analisados, percebeu-se que, das doze disciplinas obrigatórias distribuídas nas universidades, apenas quatro citam a temática em discussão. **Considerações finais:** há uma lacuna da temática na formação. Incluir a violência contra as mulheres no currículo de enfermagem capacita futuros profissionais a lidar com essas situações de forma eficaz e humanizada.

**Descritores:** Universidades; Enfermagem; Saúde da Mulher; Violência contra as Mulheres.

## ABSTRACT

**Objective:** to discuss the inclusion of the topic of violence against women in undergraduate nursing courses at public universities in the state of Rio de Janeiro. **Method:** qualitative documentary study focused on a descriptive analysis of the curriculum and program content of the Women's Health academic subjects in undergraduate nursing courses in Rio de Janeiro regarding the presence of this content in nursing training. **Results:** regarding the mandatory academic subjects found in the curriculum, it was evident that there is no explicit content that deals with violence against women in the six universities participating in the study. In the academic programs analyzed, it was noted that, of the twelve mandatory subjects distributed in the universities, only four mention the topic under discussion. **Final considerations:** there is a gap in the academic program regarding this topic. Including violence against women in the nursing program enables future professionals to deal with these situations in an effective and humane way.

**Descriptors:** Universities; Nursing; Women's Health; Violence Against Women.

## RESUMEN

**Objetivo:** discutir la inclusión del tema de violencia contra la mujer en las carreras de licenciatura en enfermería de las universidades públicas del estado de Río de Janeiro. **Método:** estudio documental de carácter cualitativo, con plan de estudios y el contenido de los programas de las asignaturas de Salud de la Mujer en la licenciatura en enfermería de Río de Janeiro como objeto del análisis, para determinar la presencia de ese contenido en la formación de enfermería. **Resultados:** en los programas de las asignaturas obligatorias no hay contenido explícito que trate la violencia contra la mujer en las seis universidades estudiadas. En el contenido de los programas analizados, se observó que, de las doce asignaturas obligatorias distribuidas en las universidades, sólo cuatro mencionan el tema en discusión. **Consideraciones finales:** existe un vacío sobre el tema en la formación. Incluir la violencia contra la mujer en el plan de estudios de enfermería capacita a los futuros profesionales para afrontar esas situaciones de forma eficaz y humana.

**Descriptorios:** Universidades; Enfermería; Salud de la Mujer; Violencia contra la Mujer.

## INTRODUÇÃO

A violência é um problema social complexo e multifacetado, presente na sociedade como um comportamento que envolve o uso de força física e poder entre indivíduos, grupos, comunidades ou até contra si mesmo. Essa prática pode resultar em sofrimento físico, psicológico ou até em óbito<sup>1</sup>.

Nessa perspectiva, a violência contra a mulher (VCM) é um grave problema de saúde pública e, ao mesmo tempo, uma violação dos direitos humanos que atinge a todas independentemente da cor, raça, estrato social, religião, estado civil, nível de escolaridade e, até mesmo, a orientação sexual. Esse mecanismo social causa agravos para além do aspecto físico, pois promove, nas mulheres que vivenciam a situação de violência, repercussões infinitamente maiores que podem variar de acordo com a situação na qual ela está ou foi inserida e, quando se relaciona à sua intimidade, há mais uma ruptura na dignidade da vida humana<sup>2</sup>.

No mundo, 6% das mulheres já foram vítimas de abuso e violentadas por pessoas próximas e que não eram seus parceiros. A idade entre 15 e 24 corresponde à com maiores taxas de violência exercida pelos parceiros íntimos. No caso de países pobres, 37% da violência física e/ou sexual origina-se do parceiro. Os países da Europa, Ásia Central, Leste e Sudeste Asiáticos possuem as menores taxas, de 16–23%, 18%, 20% e 21%, respectivamente. No caso da Oceania, Sul da Ásia e África Subsaariana, encontram-se as maiores taxas de prevalência de violência advindas do parceiro entre mulheres com idade de 15 a 49 anos, com valores percentuais entre 33% e 51%<sup>2</sup>.

De acordo com a Lei nº 11.340 de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, uma das mais importantes no contexto brasileiro e referência sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra as mulheres, considera-se que há cinco formas de violência: física, sexual, patrimonial, moral e psicológica<sup>3</sup>.

Em 2022, no território brasileiro, 1.437 mulheres foram mortas simplesmente por serem mulheres. Em relação às agressões relacionadas à violência doméstica, observou-se aumento de 2,9%, totalizando 245.713 casos. As ameaças cresceram 7,2%, o que equivale a 613.529 casos. Acionamentos ao 190 (contato com a Polícia Militar), foram 899.485 ligações, com uma média de 102 acionamentos/hora<sup>4</sup>.

No estado do Rio de Janeiro, em 2022, 344 mulheres vivenciaram algum tipo de situação de violência a cada 24 horas, com 104 casos de ameaças, 103 de lesão corporal dolosa, 69 de injúria, sete de perseguição e seis de dano<sup>5</sup>. Além disso, foram registrados 25.814 casos de lesão corporal dolosa relacionados à violência doméstica em todo o estado<sup>4</sup>.

As violências patrimonial e psicológica são, frequentemente, mais sutis e menos visíveis do que a violência física, tornando-as mais difíceis de identificar e registrar. As vítimas podem não reconhecer essas formas de violência como tais ou podem não ter a linguagem adequada para descrevê-las. Tanto as vítimas quanto os profissionais que atendem esses casos podem não estar suficientemente sensibilizados ou treinados para reconhecer e documentar esses tipos de violências. Devido a isso, alguns estudos partem para esfera qualitativa na busca de nortear ações em prol da defesa das mulheres neste sentido<sup>6-8</sup>.

Nesta perspectiva, a formação dos profissionais de saúde deveria contextualizar questões importantes que permeiam o desenvolvimento de uma sociedade, sendo a VCM uma realidade em que esses conviverão diariamente no seu contexto de trabalho. Assim, destaca-se que a enfermagem que tem um papel fundamental considerando sua proximidade aos atendimentos às mulheres, sendo os primeiros a prestarem cuidados nos serviços de saúde. A importância do acolhimento e da escuta qualificada durante todo o atendimento é fundamental, desde o início até os possíveis encaminhamentos e no retorno da mulher à unidade, configurando-se como essenciais para identificar situações de VCM<sup>9</sup>.

A enfermagem, dotada de saber científico para atuar em todos os tipos de cenários, tem seu papel de destaque no que se refere à assistência às mulheres. Portanto, a enfermeira deve estar preparada para o atendimento a aquelas que vivenciam as diversas formas de violência. Para que isso seja uma realidade no cotidiano profissional, é necessário que os estudantes recebam conteúdos que os capacitem para atuar junto a essa clientela durante a formação acadêmica. Nesse contexto, há que se considerar as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, definidas junto ao Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior, Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001, que institui a abordagem dos conteúdos fundamentais para o curso de graduação em enfermagem no cenário brasileiro, estabelecendo uma relação entre os contextos familiar e a comunidade, levando em consideração o processo saúde-doença e dados epidemiológicos<sup>10</sup>.

Diante da pluralidade de currículos e possibilidades de atuação no campo docente, bem como as inúmeras formas de ensinar e aprender, pretende-se evidenciar as possíveis lacunas no processo de formação desses profissionais, permitindo a discussão das ementas e conteúdos programáticos, sobre esta temática.

Deste modo, a preparação e capacitação das enfermeiras para identificar, prevenir e abordar a VCM durante sua formação acadêmica e profissional é o objeto de estudo e a problemática, no contexto brasileiro em que a VCM pode ser negligenciada nos serviços de saúde, pois é uma temática difícil de abordar, principalmente pelo despreparo dos profissionais, inclusive das enfermeiras<sup>9</sup>.

Nessa condição, muitas vezes, a assistência de enfermagem não é realizada da forma preconizada pelas diretrizes por haver uma lacuna no conhecimento relacionada às particularidades das violências de gênero contra às mulheres<sup>9</sup>. Entre os motivos da existência dessa lacuna, encontra-se a falta de disciplinas sobre essa temática no currículo dos cursos de graduação em enfermagem<sup>11</sup>.

Em consideração tal contexto, o objetivo do estudo foi discutir a inserção da temática da violência contra as mulheres nos cursos de bacharelado em enfermagem de universidades públicas do estado do Rio de Janeiro.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo documental de cunho qualitativo, sendo objetos de análise as ementas e os conteúdos programáticos das disciplinas de Saúde da Mulher nos Cursos de Bacharelado em Enfermagem. Os locais de estudo foram universidades públicas localizadas no estado do Rio de Janeiro. Segundo o Ministério da Educação, há no estado do Rio de Janeiro 6 cursos de graduação em enfermagem em universidades públicas<sup>12</sup>.

A justificativa para restringir a coleta de dados às universidades públicas do Rio de Janeiro, apesar de todas as instituições de ensino superior (IES) seguirem a mesma Diretriz Curricular Nacional (DCN), foi baseada no acesso e disponibilidade de dados dos currículos, ementas e conteúdos programáticos dessas IES que estão disponíveis nos *websites* institucionais e a representatividade e compromisso dessas universidades públicas frente as pesquisas científicas.

Os critérios de inclusão foram: ser universidade pública que oferecia o curso de graduação em Enfermagem, apresentar Planejamento Pedagógico do Curso (PPC) com ementário e/ou conteúdo programático relacionado às disciplinas de Saúde da Mulher acessíveis nos *websites* das Instituições ou por meio de contatos com os docentes responsáveis pelo desenvolvimento do conteúdo. Para garantir o anonimato das mesmas, foram denominadas com a sigla IES, de Instituição de Ensino Superior, seguida da numeração na sequência de análise, de 1 a 6.

Para a obtenção dos dados elaborou-se um roteiro contendo as informações sobre a Instituição, disciplina(s) sobre saúde da mulher, ementas das disciplinas, período do curso em que eram oferecidas, carga horária teórica e prática, carga horária total e créditos. A coleta de dados ocorreu no período de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023, pelo pesquisador principal, e seguiu o fluxograma apresentado na Figura 1.

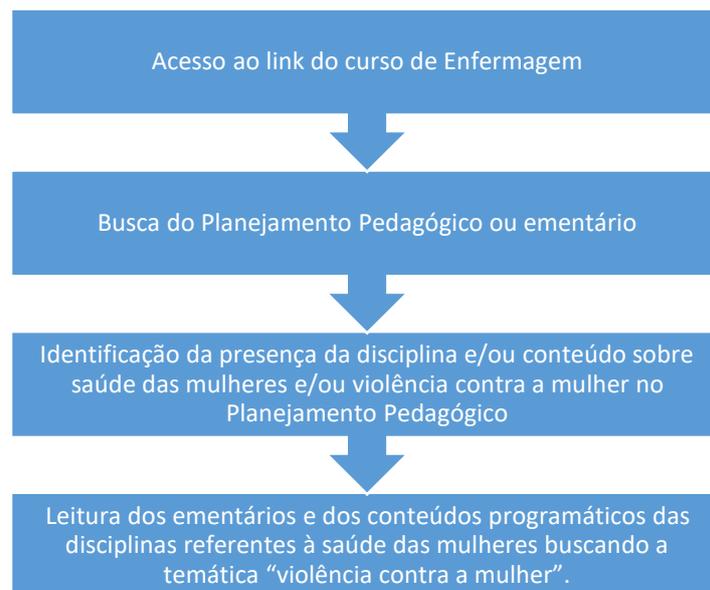
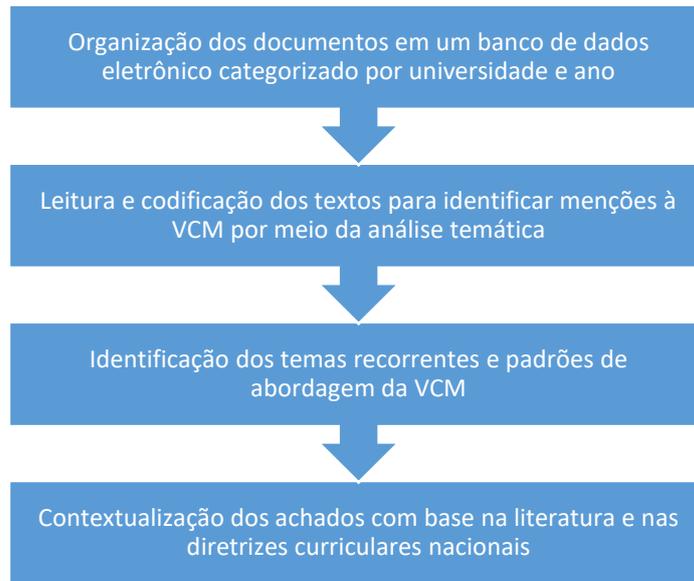


Figura 1: Procedimentos de coleta de dados. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2023.

Destaca-se que, quando não havia estes dados relacionados ao planejamento pedagógico ou ementário no *website* da Instituição, foi contactado o docente responsável pela disciplina por *e-mail* ou pelo *website* da Instituição, quando havia esta possibilidade.

Em relação aos métodos de análise dos dados e sistematização dos resultados, foram seguidas as etapas descritas na Figura 2.



**Figura 2:** Métodos de análise dos dados e sistematização dos resultados. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2023.

Em relação aos aspectos éticos, os documentos analisados são de acesso público, estão disponíveis na internet e são irrestritos. Logo, por não envolver seres humanos, não houve a necessidade de apreciação do protocolo de pesquisa pelos Comitês de Ética das instituições envolvidas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de analisar a inserção da temática da VCM nos ementários e conteúdos programáticos dos cursos de graduação em Enfermagem das universidades públicas do Rio de Janeiro, é necessário reafirmar que esta violência constitui uma forma de violação dos direitos humanos e um problema social persistente ao longo do tempo, manifestando-se por meio de relações de poder que ultrapassam a esfera física, afetando corpos e mentes das mulheres que vivenciam as situações de violências. Para proporcionar um atendimento qualificado, é essencial que as enfermeiras compreendam que o conhecimento é fundamental para o cuidado dessas mulheres.

Em muitos países, a preocupação por inserir a temática VCM nos currículos de graduação também é uma tendência, visto que se trata de um problema globalmente conhecido e tido como uma violação dos direitos humanos. Assim, a ONU desenvolveu um guia para que as escolas de saúde promovam um ensino cujo foco seja o aprimoramento do atendimento, com qualidade e centrado na mulher<sup>13</sup>. Em um estudo publicado nos Estados Unidos, os pesquisadores mostraram que metodologias ativas como jogos são eficazes para desenvolver nos estudantes a capacidade de reflexão e agir em termos de melhor assistir as mulheres que vivenciam a violência<sup>14</sup>.

No caso deste estudo, no primeiro contato com os programas curriculares, verificou-se como eram configurados para cada curso ofertado. Cada programa de ensino segue a mesma linha de raciocínio: uma divisão pautada em disciplinas obrigatórias e optativas bem como uma divisão em ciclos teóricos e práticos, básicos e profissionalizantes.

Os resultados do ementário e dos conteúdos das disciplinas que tratavam da temática saúde da mulher dos cursos de graduação em Enfermagem estão apresentados na Figura 3.

Instituição/disciplina	Ementa
<b>IES 1</b>	
Saúde da Mulher 1	Desenvolver conhecimentos historicamente contextualizados sobre Mulher, Saúde e Sociedade que fundamentam uma práxis de Enfermagem Sensível, favorecendo a instrumentalização do Aluno e Mulher no caminho da reaproximação do seu corpo contribuindo para o exercício de cidadania.
Saúde da Mulher 2	
Saúde da Mulher 3 – Estágio Supervisionado	Desenvolver habilidades para prestar assistência de enfermagem à mulher na rede básica de saúde com vistas à promoção da saúde e prevenção de agravos desde a adolescência até o climatério.
Saúde da Mulher 4 – Estágio Supervisionado	Desenvolver no aluno competências e habilidades para prestar assistência integral de enfermagem à mulher nas diferentes fases do ciclo vital, nos níveis de atenção secundário e terciário, sob a perspectiva dos direitos de cidadania, sexuais e reprodutivos.
<b>IES 2</b>	
Enfermagem na saúde da mulher III	Atenção à saúde da mulher; ações de saúde na rede básica, que envolvem a prática assistencial da enfermagem ginecológica e obstétrica nos diversos ciclos da vida das mulheres, articulado com o contexto familiar e social.
Enfermagem na saúde da mulher IV	Estudo da assistência integral à saúde da mulher nos ciclos da vida. Ações sistematizadas de enfermagem à mulher e a família. Cuidados de enfermagem na atenção obstétrica e ginecológica. Aspectos socioculturais e epidemiológicos que implicam o cuidado de enfermagem à mulher com ênfase nas políticas públicas de saúde e educação, através do pensamento crítico reflexivo e do compromisso político social.
<b>IES 3</b>	
Enfermagem no cuidado à saúde da mulher I	Estudo do conhecimento historicamente contextualizado sobre mulher, saúde e sociedade que fundamentam uma prática de enfermagem sensível, e favoreça a instrumentalização das mulheres no caminho da reaproximação e reapropriação do seu corpo para o livre exercício da cidadania considerando os eventos fisiológicos incidentes no corpo feminino.
Enfermagem no cuidado à saúde da mulher II	
<b>IES 4</b>	
Enfermagem na Atenção à Saúde da Mulher	Proporciona ao graduando embasamento técnico-científico para cuidar da mulher, abordando conteúdos da saúde reprodutiva e ginecológica.
Estágio Curricular Enfermagem na Atenção à Saúde da Mulher	Possibilita o aprimoramento de conhecimentos e habilidades para cuidar da mulher nos diferentes ciclos da vida, na perspectiva dos direitos humanos sexuais e reprodutivos.
<b>IES 5</b>	
Enfermagem nos Cuidados Básicos à Saúde da Mulher	Semiologia e semiotécnica em saúde da mulher e do recém-nascido. Política de Assistência Integral de Saúde à Mulher (PAISM): histórico, conceituação, princípios, ações básicas. Direitos sexuais e reprodutivos. Hospital-maternidade: estrutura funcional e organização. Planejamento familiar: aspectos históricos, conceituais e programáticos. Cuidados de Enfermagem a mulheres com problemas ginecológicos, infecções sexualmente transmissíveis/HIV/AIDS. Prevenção e controle de câncer cérvico-uterino e mamário. Doenças prevalentes na população feminina (da adolescência à terceira idade). Cuidados de Enfermagem à mulher na gestação, parto, nascimento, puerpério e ao recém-nascido em níveis de baixa complexidade. Avaliação de fatores de risco e de situações emergenciais no ciclo gravídico-puerperal. Ações educativas em saúde à mulher e família. Questões éticas aplicadas no cuidado à mulher e ao recém-nascido.
<b>IES 6</b>	
Gineco-Obstetrícia	Gestação de alto risco; distúrbio de hemocoagulação e choque em obstetrícia. Placenta prévia; descolamento prematuro de placenta. Mola. Exame ginecológico. Consulta de enfermagem, doenças sexualmente transmissíveis.

**Figura 3:** Ementas das disciplinas que tratam da temática saúde da mulher em cursos de graduação em enfermagem. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2023.

A IES 1 oferecia quatro disciplinas. As IES 2, 3 e 4 ofereciam duas disciplinas cada e as IES 5 e 6, uma disciplina. Em relação a oferta por período, a IES 1 oferecia suas disciplinas do sexto ao nono período, a IES 2 no quinto e no sétimo, a IES 3 no sexto e sétimo, e a 4 nos sexto e décimo períodos da graduação. A IES 5 oferecia a disciplina no quinto e a IES 6 quarto período da graduação em enfermagem.

Em seguida, na Figura 4, apresenta-se o conteúdo programático resumido das disciplinas obrigatórias relacionada a Saúde da Mulher.

Instituição/disciplina	Conteúdo programático resumido
<b>IES 1</b>	
Saúde da Mulher 1	Unidade 1 - Identificar as representações dos discentes sobre a saúde da mulher. (...). Unidade 7 - Compreender os aspectos específicos que envolvem a consulta de enfermagem como uma ação de promoção e prevenção da saúde da mulher e, como um instrumento de ação política e ideológica (...).
Saúde da Mulher 2	Unidade 1 - Identificar os aspectos que diferenciam a gravidez normal da gravidez de alto risco (...). Unidade 6 - Compreender os limites éticos e legais da assistência prestada à mulher grávida (...).
Saúde da Mulher 3 – Estágio Supervisionado	Políticas de Saúde na assistência à mulher (...) Consulta de Enfermagem como instrumento de ação ideológica e poder (...).
Saúde da Mulher 4 – Estágio Supervisionado	Cuidar da mulher que vivencia o período gestacional com fator de risco obstétrico associado, de forma sistematizada e integral (...). Possibilitar a presença do companheiro e da família como sujeitos integrantes na assistência ginecológica e obstétrica.
<b>IES 2</b>	
Enfermagem na saúde da mulher III	(...) Atenção à Saúde da Mulher no puerpério. Atenção à Saúde da Mulher no climatério Violência contra a Mulher e sua relação no cuidado de enfermagem. Questões de Gênero. Paternidade. Pré-natal do homem/pai.
Enfermagem na saúde da mulher IV	(...) Acolhimento, Classificação de risco em Obstetrícia e as violências contra as mulheres (...). Patologias mamárias e câncer de mama. Assistência de Enfermagem.
<b>IES 3</b>	
Enfermagem no cuidado à saúde da mulher I	Gênero, cidadania, direitos sexuais e reprodutivos (...). Educação e Saúde.
Enfermagem no cuidado à saúde da mulher II	Unidade zero: políticas públicas na área da mulher; Unidade I: intercorrências em ginecologia - abordagem sindrômica em ISTs/Aids - violência contra a mulher e adolescentes - câncer de colo uterino e das mamas - cirurgias ginecológicas(...).
<b>IES 4</b>	
Enfermagem na Atenção à Saúde da Mulher	UNIDADE I: (...) Anatomia e fisiologia do sistema reprodutor feminino (...). VI: ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO CICLO GRAVÍDICO-PUERPERAL PATOLÓGICO 1. Sinais de alarme na gestação. 2. Puerpério patológico.
Estágio Curricular Enfermagem na Atenção à Saúde da Mulher	Atividades práticas (...) Elaboração de relatório com o registro das atividades realizadas na instituição cenário do estágio.
<b>IES 5</b>	
Enfermagem nos Cuidados Básicos à Saúde da Mulher	Introdução a Saúde da Mulher e Neonato (...) Avaliação da Cicatrização abdominal/ perineal 7.5. Estimulo a deambulação.
<b>IES 6</b>	
Gineco-Obstetrícia	(...) Mulheres em situação de Violência e a assistência de enfermagem; Violências de Gênero e situações de violência no namoro (...)

Figura 4: Conteúdo programático resumido das disciplinas obrigatórias. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2023.

São quatro disciplinas ofertadas pela IES 1, duas disciplinas ofertadas pelas IES 2, duas disciplinas oferecidas pelas IES 3 e 4 e uma disciplina pela IES 5 e 6, cada.

Na Figura 5, tem-se as ementas e conteúdos programáticos das disciplinas eletivas que citam a temática VCM direta ou indiretamente pelas instituições participantes.

Instituição/disciplina	Ementa	Conteúdo programático
<b>IES 4</b>		
Temas Emergentes em Saúde da Mulher	“Mulher na Contemporaneidade” – Contextualiza a mulher em relação a gênero e cidadania, saúde, direitos sexuais e reprodutivos, violências sociais e dos serviços, mortalidade materna, reprodução humana, ética e bioética nos vários cenários do cuidado de enfermagem. Temas acerca do trabalho do enfermeiro na área da Saúde da Mulher.	UNIDADE I: POLÍTICAS NA SAÚDE DA MULHER NACIONAL E INTERNACIONAL - 1. Programas de assistência à saúde da mulher; 2. Conquistas políticas, direitos e deveres na saúde da mulher. UNIDADE II: ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA SAÚDE DA MULHER - 1. Adolescência; 2. Período reprodutivo; 3. Ginecologia; 4. Climatério. UNIDADE III: A MULHER, SUA ESCOLARIDADE E MERCADO DE TRABALHO - 1. Estudo dos sensus, inserção e posição da mulher na escola e no mercado de trabalho. UNIDADE IV: PESQUISAS EMERGENTES NA SAÚDE DA MULHER - 1. Estudo e reflexão das pesquisas mais atuais na área da saúde da mulher.
<b>IES 5</b>		
Política e Problemática da Assistência da Saúde da Mulher	Política nacional de saúde da mulher com destaque para a problemática. O modelo governamental, as normas e diretrizes de ação bem como a participação dos movimentos sociais, em especial, o das mulheres em prol dos direitos de cidadania em geral e o de saúde em particular. Aspectos gerais e específicos da programação estatal e das reivindicações das mulheres.	Não está sendo ofertada no momento.
<b>IES 6</b>		
Política e Problemática da Assistência da Saúde da Mulher	Política nacional de saúde da mulher com destaque para a problemática. O modelo governamental, as normas e diretrizes de ação bem como a participação dos movimentos sociais, em especial, o das mulheres em prol dos direitos de cidadania em geral e o de saúde em particular. Aspectos gerais e específicos da programação estatal e das reivindicações das mulheres.	Apresentação da Disciplina e Divisão dos seminários Políticas de Saúde na área da Saúde da Mulher: evolução histórica; gênero e saúde; Política de Saúde referente ao combate a Violência contra mulher; Políticas de Saúde da Criança e do Adolescente; Políticas de Saúde na Área Materno-Infantil; Preparação para os Seminários; Políticas e Programas de controle do Câncer de Colo Uterino e de Mama; Seminários. Saúde Sexual e Reprodutiva.

Figura 5: Ementas e conteúdos programáticos das Disciplinas Eletivas. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2023.

A IES 4 oferece uma disciplina eletiva, denominada “Temas Emergentes em Saúde da Mulher”; já as IES 5 e 6, por fazerem parte da mesma instituição, tem como única disciplina eletiva a denominada “Política e Problemática da Assistência da Saúde da Mulher”.

No que se refere às ementas das disciplinas obrigatórias, ficou evidente que não há de forma explícita o conteúdo que trata da VCM em nenhuma das seis universidades participantes do estudo, já nos conteúdos programáticos analisados, percebe-se que, das 12 disciplinas obrigatórias distribuídas nas IES mencionadas, apenas quatro delas citam a temática em discussão, sendo duas disciplinas ofertadas na IES 2, uma disciplina na IES 3 e uma disciplina na IES 6. Restam, portanto, oito disciplinas que não citam a VCM, o que equivale a 66,7% do total, nos conteúdos programáticos disponibilizados.

Porém, isso não significa que na sala de aula não seja discutido. Destaca-se, aqui, o chamado “currículo oculto”, no qual há uma relação entre o que se vive e se discute, sem que este assunto esteja de fato no currículo formal<sup>14</sup>. Todavia, espera-se que, diante do arcabouço sugerido pelas próprias ementas, principalmente quando citados as questões de gênero e o movimento feminista brasileiro, tenha-se a possibilidade de discutir esse problema do ponto de vista do desenvolvimento das políticas públicas.

Enquanto futuros educadores, é imperativo que os estudantes compreendam que o processo da violência é um fenômeno sociopolítico que pode ser combatido por meio da prevenção, promoção da saúde, construção de conhecimento, responsabilidade e vontade de transformar esse aspecto social. Portanto, é fundamental estudar as atuais configurações do ensino, levando em consideração as demandas sociais<sup>15,16</sup>.

Além disso, é imperativo estabelecer uma relação entre as realidades vividas na sociedade e os conteúdos discutidos em sala de aula. Sobre isso, um destaque importante é sobre a disciplina oferecida na IES 5 e 6, na qual ficou explícito na ementa o estudo das “Políticas Nacionais na Atenção Integral à Saúde da Mulher e a Enfermagem” e “Historicidade das Políticas Públicas em Saúde da Mulher”. Neste ponto, está inserida a discussão do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) que, notoriamente, foi um dos programas mais importantes no contexto das reivindicações dos movimentos feministas atribuídos a década de 1960 e 1970 no Brasil, o que contribuiu de certa forma para as questões ora discutidas, principalmente voltadas às questões de gênero e seu impacto na saúde da mulher brasileira<sup>17</sup>.

Foi possível identificar disciplinas que abordam os contextos familiares, sociais e políticos no processo de ensino aprendizagem, que podem contribuir significativamente para o desenvolvimento do conhecimento dos estudantes de enfermagem em relação às práticas educativas nesse âmbito. Além disso, essas disciplinas mencionam diretamente a temática da VCM. É o caso das disciplinas presentes na graduação em Enfermagem da IES 2 e IES 3.

Em contrapartida, algumas disciplinas tinham ementas com temáticas da mulher sobre o foco estritamente do ponto de vista da saúde reprodutiva e ginecológica, como observado nas disciplinas das IES 4 e IES 6. Quando se fala de gestação, há uma profunda discussão na sala sobre violência obstétrica, que pode ser útil para estimular os estudantes na busca pela temática para além do período gravídico-puerperal. Ao se estabelecer no currículo apenas uma visão reducionista da mulher, não se pode gerar o impacto desejado na ruptura do problema enquanto ao seu aspecto social<sup>17</sup>. A violência obstétrica é apenas um dos pontos de discussão para as demais áreas de estudo da violência, mas não pode ser o único.

Ainda no caso das disciplinas obrigatórias, a disciplina da IES 5 pode ser considerada a mais completa seguindo os pontos de vista biológicos, sociais e éticos, o que potencializa a atuação dos futuros profissionais incluindo o seu desenvolvimento no campo de estágio, pois é grande a dificuldade de quem não possui experiência para lidar com achados semiológicos. Estudos semelhantes corroboram que a tarefa de identificação dos casos de violência<sup>11</sup> e outros afirmam que ocorre uma subnotificação e pouca identificação dos casos, o que favorece a gravidade do problema<sup>8</sup>.

A VCM é um problema complexo que envolve estigmas e preconceitos enraizados na sociedade e, mesmo sendo um problema de saúde pública, há inúmeras barreiras e fatores que impedem que os profissionais possam atuar<sup>17</sup>. Em relação às possibilidades de discutir a VCM na formação das futuras enfermeiras, em curso de graduação majoritariamente composto por mulheres, e considerando que estão inseridas no contexto das desigualdades de gênero, é evidente que os professores e professoras poderão apresentar um certo desconforto ao abordar um tema tão complexo e sensível.

Destarte, para atender às mulheres de forma adequada, é necessário que estudantes de Enfermagem estejam preparadas para lidar com esses aspectos, construindo uma postura reflexiva e crítica em relação aos valores e normas sociais que perpetuam a VCM<sup>18</sup>. Criam-se reais potencialidades de melhorar a formação acadêmica quando há uma disciplina exclusivamente objetiva.

É o caso da disciplina “Temas Emergentes em Saúde da Mulher” ofertada pela IES 4. Na sua ementa, fica evidente que o tema VCM é trabalhado em associação às questões de gênero e ética. Assim, talvez a interseccionalidade seja a melhor forma de elaborar o processo ensino-aprendizagem, visto que envolve eixos capazes de relacionarem-se entre si, como as questões de gênero, sexualidade, raça/cor e classe, por exemplo<sup>19</sup>.

No contexto do ensino sobre VCM, a interseccionalidade é fundamental pois permite uma compreensão mais profunda e abrangente das experiências das mulheres, reconhecendo que a violência não ocorre de maneira isolada, mas é influenciada por uma combinação de fatores estruturais e sociais. Parte dela é a interlocução da complexidade da vida em sociedade, do que é político, do que forma a moldura da social, das desigualdades sendo, portanto, uma forma de ferramenta analítica<sup>21</sup>.

Diante do exposto, incorporar a interseccionalidade nos currículos de enfermagem ao tratar da VCM significa abordar como diferentes formas de discriminação e desigualdade se entrelaçam e afetam a saúde e o bem-estar das mulheres. Por exemplo, mulheres de diferentes raças, etnias, condições socioeconômicas e orientações sexuais podem vivenciar a violência de maneiras distintas, enfrentando barreiras adicionais ao acesso à serviços de apoio e justiça<sup>21,22</sup>.

Outro ponto que pode potencializar o processo de aprendizagem dos estudantes é usar a simulação realística, visto que uma disciplina exclusiva pode ser útil para ajudar na formação dos futuros enfermeiros e a associação a essa metodologia pode contribuir efetivamente<sup>23</sup>.

A análise das ementas bem como do conteúdo programático, é permeada do desejo de melhorar a qualidade do ensino no que se refere a ampliação dos temas tão complexos e contemporâneos, capazes de causar impactos na vida cotidiana, como no caso da VCM, que afeta as mulheres de uma escala local até mesmo mundial. É fundamental que o graduando em Enfermagem seja sensibilizado no sentido de posicionar-se de forma ética e profissional, atuando como promotor dos direitos da mulher.

Para além da interdisciplinaridade no próprio curso, a abordagem da VCM no contexto do atendimento em saúde exige trabalho em equipe interdisciplinar. Por isso, é importante que as IES ofereçam aos estudantes a oportunidade de aprender em conjunto com profissionais das mais variadas áreas, como Direito e Serviço Social, permitindo a troca de experiências e o desenvolvimento de uma abordagem mais integrada do ponto de vista da assistência humanizada.

É notório que a enfermagem não resolverá as questões das mulheres de forma unilateral, por isso é importante refletir quanto a continuidade da assistência para que não haja uma violação dupla por parte de quem atende essas mulheres. A integração de profissionais diminui a exposição da vítima da violência<sup>24</sup>. Algumas ferramentas educacionais provaram isso onde numa simulação de violência desenvolvida a partir de um jogo de tabuleiro, o trabalho em equipe garantiu a resolutividade da problemática, fortalecendo os laços interprofissionais<sup>25</sup>.

Ainda sobre as disciplinas eletivas, cabe destacar a “Política e Problemática da Assistência da Saúde da Mulher” ofertada pela IES 5 e IES 6. Na sua ementa consta: “*Política nacional de saúde da mulher com destaque para a problemática. O modelo governamental, as normas e diretrizes de ação bem como a participação dos movimentos sociais, em especial, o das mulheres em prol dos direitos de cidadania em geral e o de saúde em particular. Aspectos gerais e específicos da programação estatal e das reivindicações das mulheres*”. Percebe-se a preocupação em fazer um retrato atual das políticas públicas voltadas a este segmento populacional, mas não cita diretamente a problemática ora estudada. Ainda, como se trata de uma disciplina optativa, nem todos os alunos terão conhecimento ou interesse sobre o problema pesquisado, bem como, não sabemos se esta foi oferecida em todos os semestres, mesmo estando no currículo vigente, como o caso da IES 6.

Em uma sociedade plural, onde a luta pelos direitos das mulheres é uma questão central, é crucial que as pautas sociais sejam incluídas e discutidas nos currículos de Enfermagem; sendo assim, quanto mais propostas de melhoria desse cenário nas instituições de ensino, mais significativas serão as lutas delas por direito<sup>26</sup> e mais ainda, faz-se necessário compreender que o apoio à mulher agredida é de extrema importância, pois não se trata unicamente de um problema jurídico e policial, trata-se de um problema de saúde, que interfere negativamente na vida da mulher e sua família<sup>27</sup>. Assim, se esse profissional não possui um conhecimento adequado sobre a temática, perde a oportunidade de mudar a realidade dessa mulher, por isso que a temática deve ser abordada na graduação e na vida profissional<sup>28</sup>.

Devido o contato mais próximo por parte da equipe de enfermagem, o enfermeiro é peça chave no atendimento à mulher agredida, porém nem toda violência mostra sinais físicos. Partem daí as maiores dificuldades, associadas aos fatores pessoais da própria vítima, como educação, cultura e religião por exemplo. Por isso a importância da capacitação sobre as questões de violência de gênero, partindo da inclusão da VCM no currículo de enfermagem e, dessa forma, municiar oportunidades de conhecimento<sup>29</sup>.

A exemplo da Turquia, onde a VCM também é considerada um problema grave e que deve ser abordado na graduação em enfermagem, pois além de ser a maioria da profissão ser formada por mulheres, estão em posição privilegiada do contato, pois ao realizar a anamnese podem detectar as necessidades de cada paciente. O entrave, porém, está na falta de treinamento ou treinamento insuficiente, incluindo qual o tipo de questionamentos que podem ser úteis para que as necessidades dessas mulheres sejam supridas do ponto de vista da abordagem realizada por parte da equipe de enfermagem<sup>30</sup>.

Logo, parte-se do princípio de que os cursos de graduação são o caminho para que ocorram as mudanças necessárias pois, a partir do conhecimento gerado na graduação, há de se suprir uma necessidade que se aponta na literatura afirmando que o preparo dos profissionais de saúde é a essência do apoio e orientação das mulheres que sofrem violências diversas<sup>29,30</sup>.

Para além das semelhanças, da mesma maneira que cada instituição tem uma forma de lidar com a temática, certamente haverá diferenças ou lacunas talvez, no que se refere à formação desses profissionais. Todavia, cabe destacar alguns pontos de semelhanças que podem contribuir para uma formação mais linear desses estudantes, pois percebe-se uma preocupação com o tema para além da violência, voltada mais para as questões envolvendo a luta das mulheres pela igualdade de gênero, a evolução das políticas públicas voltadas para saúde da mulher, bem como os aspectos sociais que contribuem para tal formação.

O currículo, sendo o resultado de uma seleção fundamentada nas escolhas de quem o faz, a partir de diretrizes nacionais para tanto, possibilitaria esta transformação social que se tem como objetivo final. Levando em consideração o contexto que estamos vivenciando, deve contemplar as reais necessidades dessa sociedade, marcada todos os dias, por feminicídios.

No que se refere ao currículo mínimo, desde 2001 foram desenvolvidas as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem<sup>10</sup>; nas quais consta o que se espera do egresso/profissional sobre o seu perfil, discutem-se as competências e habilidades, os conteúdos curriculares, bem como a questão do estágio, atividades complementares, organização do curso e por fim, acompanhamento e avaliação.

O diálogo deve ser a meta, seja entre os docentes, seja entre os discentes. Inserir a discussão da VCM na sala é a melhor forma de capacitar os universitários, pois não há diferença entre o que se vive dentro e fora das paredes dos grandes complexos de ensino. É desafiador, mas é uma possibilidade de mudar a realidade, pois diferentes percepções promovem um melhor enfrentamento<sup>31</sup>.

Diante do exposto, além de identificar os casos de violência, é importante que os estudantes de Enfermagem recebam uma formação específica para o atendimento às mulheres que vivenciam as mais variadas formas de violências. Isso inclui o desenvolvimento de habilidades de comunicação e empatia, a capacidade de acolher e escutar as mulheres de forma sensível e respeitosa, e o conhecimento dos serviços e recursos disponíveis para oferecer o suporte necessário. Por isso, a importância de estratégias educacionais neste sentido<sup>8</sup>.

A transformação de uma mentalidade machista, cujas masculinidades atuam em diferentes contextos e trata as mulheres como objetos numa situação política que vive-se nos dias atuais, só se envereda por caminhos cada vez obscuros, áridos e expressos pode ser mudada – e deve ser transformada por reconhecer que há uma falha enquanto um corpo intelectual. A mudança só será alcançada por meio da educação; não há outro caminho. O progresso social depende da inclusão de abordagens inovadoras que promovam transformações significativas.

Este artigo não pretende ser um guia definitivo para o planejamento do ensino, mas sim proporcionar uma reflexão sobre as práticas educativas atuais, identificando lacunas como as observadas na análise apresentada.

### Limitações do estudo

O estudo apresenta limitações em sua generalização devido à concentração em universidades públicas de um único estado. A ausência de dados sobre instituições particulares também são pontos a serem considerados. Além disso, a análise detalhada da carga horária, dos conteúdos abordados e dos métodos de ensino, bem como a realização de estudos de caso em instituições de destaque, podem identificar as melhores práticas e propor melhorias.

Investigar a percepção dos estudantes sobre a importância dessa temática também é fundamental para compreender sua relevância na formação profissional.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da temática VCM nos cursos de graduação em Enfermagem demonstra ser fundamental para a formação de profissionais mais capacitados e humanizados. Ao abordar essa temática de forma integral, a graduação em Enfermagem prepara os futuros enfermeiros para identificar, prevenir e atender as mulheres em situação de violência, promovendo um cuidado mais acolhedor e eficaz.

Essa abordagem, fundamentada em uma perspectiva interseccional, contribui para uma formação mais completa e responsável, capacitando os profissionais a compreenderem as diversas formas de violência e a atuar de maneira ética e comprometida com a saúde e os direitos das mulheres.

Ao investir na formação de profissionais capacitados para lidar com essa complexa questão, a sociedade se beneficia como um todo, contribuindo para a construção de um futuro mais justo e equânime para as mulheres.

### REFERÊNCIAS

1. Minayo, MCS. Violência e saúde. Rio de Janeiro; Editora FIOCRUZ: 2006.
2. Organização Panamericana de Saúde. Organização Mundial da Saúde. Devastadoramente generalizada: 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência [Internet]. Genebra/Nova York: OMS; 2021 [cited 2023 Dec 23]. Available from: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia>.
3. Presidência da república (Br). Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Casa civil: 2006 [cited 2023 Nov 04]. Available from: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm).
4. Bueno S, Martins J, Lagreca A, Sobral I, Barros B, Brandão J. O crescimento de todas as formas de violência contra a mulher em 2022. In: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública: 2023 [cited 2023 Nov 2]. p. 136-45. Available from: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>.
5. Elisângela Oliveira. Dossiê Mulher 2023. Rio de Janeiro; Instituto de Segurança Pública 2023.
6. Ludermir R, Souza F. Moradia, patrimônio e sobrevivência: dilemas explícitos e silenciados em contextos de violência doméstica contra a mulher. RBEUR. 2021 [cited 2024 May 04]; 23:e202126. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202126>.
7. Teixeira JMS, Paiva SP. Violência contra a mulher e adoecimento mental: percepções e práticas de profissionais de saúde em um Centro de Atenção Psicossocial. Physis. 2021 [cited 2023 Dec 23]; 31(2):e310214. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310214>.
8. Oliveira ASLA, Moreira LR, Meucci RD, Paludo SS. Psychological violence against women practiced by intimate partners: a cross-sectional study in a rural area of Rio Grande do Sul, Brazil, 2017. Epidemiol Serv Saúde. 2021 [cited 2023 Dec 23]; 30(4):e20201057. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742021000400017>.
9. Silva VG, Ribeiro PM. Violence against women in the practice of nurses of primary health care. Esc Anna Nery. 2020 [cited 2023 Dec 23]; 24(4):e20190371. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0371>.

10. Ministério da Educação (Br). Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES N. 3, de 07 de novembro de 2001. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Diário Oficial da República Federativa da União. Brasília; 2001 [cited 2023 Dec 23]. Available from: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>.
11. Fernandes ECC, Panta CAO, Barros MMA. Aproximações acadêmicas sobre a temática violência contra a mulher na perspectiva do futuro profissional enfermeiro. REAS. 2021 [cited 17dez.2023]; 13(7):e8106. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e8106.2021>.
12. Ministério da Educação (Br). Cursos e instituições. 2023 [cited 2023 Nov 04]. Available from: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/cursos-e-instituicoes>.
13. World Health Organisation. Caring for women subjected to violence: A WHO training curriculum for health care providers, revised edition, 2021 [Internet]. WHO, 2021 [cited 2023 Nov 04]. Available from: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240039803>.
14. Campos RG, Giovinazzo Junior CA. Currículo oculto: aspectos da experiência educacional não declarada no currículo oficial e formal da escola. Rev. Esp. Cur. 2024 [cited 2024 Jun 5]; 17(1):e66446. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v17i1.66446>.
15. Emegwa LO, Paillard-Borg S, Lundell IW, Stålborg A, Åling M, Ahlenius G, et al. Dare to ask! A Model for teaching nursing students about identifying and responding to violence against women and domestic violence. Nurs Rep. 2024 [cited 2023 Dec 23]; 14(1):603-15. DOI: <https://doi.org/10.3390%2Fnursrep14010046>.
16. Alshammari KF, McGarry J, Higginbottom GMA. Nurse education and understanding related to domestic violence and abuse against women: an integrative review of the literature. Nurs Open. 2018 [cited 2023 Dec 23]; 5:237–53. DOI: <https://doi.org/10.1002/nop2.133>.
17. Souto K, Moreira MR. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: protagonismo do movimento de mulheres. Saúde debate. 2021 [cited 2023 Dec 23]; 45(130):832–46. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202113020>.
18. Vale HS, Rocha MR, Conceição HN. Atención de enfermería a mujeres en situación de violencia en Atención Primaria de Salud. Rev Cubana Enferm. 2022 [cited 2024 Jan 31]; 38(1):e4067. Available from: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0864-03192022000100017&lng=es](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-03192022000100017&lng=es).
19. Jesus MAC, Acioli S, Silva MFB, Santos RGS. A interseccionalidade como categoria analítica na saúde com foco na enfermagem na Atenção Primária em Saúde: uma revisão integrativa de literatura. CLCS. 2023 [cited 2023 Dec 22]; 16(10):18773-9. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.10-004>.
20. Campbell KA, MacKinnon K, Dobbins M, Jack SM. Nurse-family partnership and geography: an intersectional perspective. Glob Qual Nurs Res. 2020 [cited 2023 Dec 23]; 7:2333393619900888. DOI: <https://doi.org/10.1177/2333393619900888>.
21. Barbosa JPM, Lima RCD, Santos GBM, Lanna SD, Andrade MAC. Intersectionality and violence against women in covid-19 pandemic times: dialogues and possibilities. Saude soc. 2021 [cited 2023 Dec 23]; 30(2):e200367. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200367>.
22. Corrêa MD, Moura L, Almeida LP, Zirbel I. Intersectional experiences of violence in a vulnerable and peripheral territory. Saude soc. 2021 [cited 2023 Dec 23]; 30(2):e210001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021210001>.
23. Silva JOM, Allen EM, Polonko I, Silva KB, Silva RC, Esteves RB. Planning and implementation of the Sexual Assault Nurse Examiner course to assist victims of sexual violence: an experience report. Rev esc enferm USP. 2021 [cited 2023 Dec 23]; 55:e03739. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2020029803739>.
24. Santos DG, Santos EKA, Backes MTS, Giacomozzi AI, Gomes IEM, Kalivala KMM. Nursing care for women in situations of sexual violence: integrative review. Rev. enferm. UERJ. 2021 [cited 2023 Nov 27]; 29(1):e51107. DOI: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2021.51107>.
25. Fornari LF, da Fonseca RMGS. Board Game *Violetas*: the perspective of professionals addressing violence against women. Rev esc enferm USP. 2021 [cited 2023 Dec 23]; 55:e20200238. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2020-0238>.
26. Souza JG, Roso AR, Moraes MEF. Violência sexual na universidade: experiências e práticas de profissionais da Psicologia. Rev Psi Divers Saúde. 2022 [cited 2023 Dec 4]; 11:e4195. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpsd.2022.e4195>.
27. Carneiro JB, Gomes NP, Almeida LCG, Campos LM, Magalhães JRF, Lírio JGS, et al. Revealing outcomes of care for women in situations of domestic violence. Acta paul enferm. 2021 [cited 2023 Dec 23]; 34:eAPE001555. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO001555>.
28. Magalhães JRF, Gomes NP, Estrela FM, Silva AF, Carvalho MRS, Pereira A, et al. Meanings of family dynamics by men who reproduced domestic violence. Acta paul enferm. 2021 [cited 2023 Dec 23]; 34:eAPE00803. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO00803>.
29. Ruiz-Fernández MD, Ortiz-Amo R, Alcaraz-Córdoba A, Rodríguez-Bonilla HA, Hernández-Padilla JM, Fernández-Medina IM, et al. Attention given to victims of gender violence from the perspective of nurses: a qualitative study. Int J Environ Res Public Health. 2022 [cited 2023 Oct 01]; 19:12925. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph191912925>.
30. Öztürk, R. The impact of violence against women courses on the attitudes of nursing students toward violence against women and their professional roles. Nurse Educ Pract. 2021 [cited 2023 Dec 23]; 52:103032. [cited 2024 Sep 01]. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.nepr.2021.103032>.
31. Caldeira RR, Acosta DF, Silva PLV, Leão ES. University student's views on the agents surrounding violence by intimate partner. Rev. enferm. UERJ. 2023 [cited 2023 Nov 27]; 31(1):e70796. DOI: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2023.70796>.

#### Contribuições dos autores:

Concepção, C.D.S. y A.I.S.; metodologia, C.D.S., R.C.G.Z. y A.B.A.Q.; validação, C.D.S., A.I.S., R.C.G.Z. y A.B.A.Q.; análise formal, C.D.S., A.I.S., R.C.G.Z. y A.B.A.Q.; investigação, C.D.S.; obtenção de recursos, C.D.S.; curadoria de dados, C.D.S.; redação – original preparação de rascunhos, C.D.S.; redação – revisão e edição, C.D.S., A.I.S., R.C.G.Z. y A.B.A.Q.; visualização, C.D.S., A.I.S., R.C.G.Z. y A.B.A.Q.; supervisão, A.I.S., R.C.G.Z. y A.B.A.Q.; administração do projeto, C.D.S. Todos os autores realizaram a leitura e concordaram com a versão publicada do manuscrito.